Capítulo 13

A escola em desmaterialização: um tributo a Lourdes Castro (1930-2022)

Joana Ferreira
Escola Superior de Educação do Politécnico de Lisboa.
jferreira@eselx.ipl.pt

Joana Gaudêncio Matos
Escola Superior de Educação do Politécnico de Lisboa.
jmatos@eselx.ipl.pt

Sandra Pereira Antunes
Escola Superior de Educação do Politécnico de Lisboa.
santunes@eselx.ipl.pt

Resumo

Versa o presente artigo sobre princípios, processos e práticas em educação artística, desenvolvidos com os estudantes do 1º ano de Licenciatura em Educação Básica. Regressados de uma experiência de escola em desmaterialização, propusemos caminhos trilhados por Lourdes Castro como indutor. Pareceu-nos então um referente significativo, marcando o recomeço da atividade letiva em modo presencial, pela multiplicidade de processos empregues pela artista para o repensar a realidade – revisitamos agora o trabalho desenvolvido pelos estudantes, como tributo à visão de sentido transformador que é legado de Lourdes Castro.

Metodologicamente assumimos a importância da experimentação de processos artísticos na formação do futuro educador e o confronto com problemáticas de índole artística num processo de *Arts Based Educational Research*. Considerando, além da produção, a prática artística como processo de problematização, observá-la-emos estruturante da construção do pensamento, declarando assim os processos criativos como recursos investigativos e de descoberta.

Desta forma, propomos como referente a obra de Lourdes Castro, pela variedade de abordagens e práticas, com o intuito de fazer compreender alguns processos criativos e artísticos como investigativos. Com base nos conteúdos e exemplos abordados em aula, os estudantes desenvolveram estudos exploratórios que resultaram em projeto experimental para o amadurecimento de competências criativas, esperando-se uma ação transformadora das consciências e das práticas.

Palavras-chave: Educação artística, Formação de Educadores, Processo Criativo, *Arts Based Educational Research*, Lourdes Castro.

Abstract

This paper focuses on principles, processes and practices in artistic education, developed with 1st year students of the Degree in Basic Education. Returning from an experience of school dematerialization, we proposed paths taken by Lourdes Castro as an inducer. It then seemed to us to be a significant reference, as it marked the new beginning in the face-to-face teaching activity, due to the multiplicity of processes employed by the artist to rethink reality – we now revisit the work developed by the students, as a tribute to the vision of transforming sense that is the legacy of Lourdes Castro.

Methodologically, we assume the importance of experimenting with artistic processes in the future educator training, irrespective of his area of study, confronting him with artistic issues in

an Arts Based Educational Research process. In addition to production, artistic practice is not only part of a problematization process, it is also structuring to the development of any form of thought, thus declaring creative processes as investigative and discovery resources.
In this way, we propose the work of Lourdes Castro as a reference, due to the variety of approaches and practices, in order to make some creative and artistic processes understood as investigative. Based on the contents and examples discussed in class, the students developed exploratory studies.
Assuming as a methodological principle the study and material experimentation of artistic processes, an experimental project was developed with the aims of maturing creative competences and of promoting a transforming action of consciences and practices.
Keywords: Arts Education, Educators Training, Creative Process, Arts Based Educational Research, Lourdes Castro.

1. Introdução | Enquadramento

A Unidade Curricular (UC) de Artes Plásticas I, no âmbito da qual concebemos a proposta de trabalho que aqui trazemos à reflexão, constitui-se como a primeira abordagem às Artes Plásticas oferecida aos estudantes da Licenciatura em Educação Básica da ESELx. Dos inquéritos que vimos reunindo, feitos aos estudantes à entrada da UC, constatamos que, para uma larga maioria, são muito reduzidos ou mesmo nulos, quer o contacto com a prática artística, quer os hábitos de fruição/experiência artística, quando não obrigatoriamente determinados em contexto da respetiva escolarização formal. Para muitos também, a experiência de prática artística desenvolvida, enquanto estudantes, caracteriza-se como fundamentalmente replicativa (fundada na cópia); excludente da valorização dos processos, com tudo o que neles se verifica de interrogação, de dimensão reflexiva e analítica; supressória do reconhecimento, da consideração do erro e dos acontecimentos/acidentes decorrentes da experimentação como fatores de divergência; eliminatória do lugar à dimensão simbólica e metafórica, ao âmbito da interrogação e do hipotético, à experimentação e à projeção de hipóteses.

Num tal contexto e junto de futuros agentes educativos, que se espera virem a operar em contextos formais, como não formais, a UC de Artes Plásticas assume extrema importância, quer do ponto de vista dos conteúdos, quer das metodologias mobilizados.

Assim enquadrada, propõe a UC de Artes Plásticas, naquela que constitui a sua essência: i) a desconstrução de uma perceção pueril e inconsequente das artes plásticas (que ainda persiste); ii) fomentar a aquisição de conhecimentos, a mobilização de processos, de práticas e de conhecimentos de natureza técnica, estética e artística, no âmbito de práticas bi e tridimensionais operacionalizadas em modo de projeto, para a interrogação do meio físico e social; iii) o desenvolvimento de literacia e de cultura visuais, para a construção de um pensamento crítico acerca da realidade.

2. Princípios, processos e práticas

Metodologicamente assumimos a importância da experimentação de processos artísticos na formação do futuro educador, confrontando-o com problemáticas de índole artística – num processo e numa linha de investigação academicamente reconhecida como *Arts Based Research* (Eisner, 1997). Deste conceito, decorre o *Arts Based Educational Research,* evocando a pertinência e a legitimidade do recurso às práticas artísticas enquanto método da investigação em educação.

O recurso a metodologias de investigação fundamentadas em processos artísticos, *Arts-Based Research,* constitui-se um modo transdisciplinar de aproximação à construção do conhecimento, capaz de combinar os princípios das artes criativas com os dos contextos de investigação em causa. Entre as mais-valias do recurso a tais metodologias como estratégias de investigação contam-se: a possibilidade da observação de perspetivas e aprendizagens distintas das convencionalmente determinadas; a oportunidade para a construção de micro e macro conexões; a especial competência para a transposição, a dissolução e a expansão de fronteiras disciplinares; o favorecimento do desenvolvimento da consciência crítica; a especial vocação para o destronar de estereótipos, o desafiar de ideologias dominantes e a inclusão de vozes e perspetivas marginalizadas; o favorecimento de práticas participatórias e de relações não hierarquizadas entre os envolvidos no processo investigativo ou a consideração da existência de múltiplas respostas e significados possíveis (Leavy, 2018).

Complementarmente à consideração das práticas artísticas como processos investigativos e da validade do conhecimento por elas auferido, têm os desenvolvimentos científicos mais recentes, nomeadamente ao nível das neurociências, vindo a apresentar provas concludentes da importância da educação artística na formação da mente reflexiva. Criticando a contração do investimento votado à educação em artes e nas humanidades, Damásio (2006) sublinha a importância do recurso a tais dimensões nas abordagens aos problemas e às realidades, porquanto favorecedoras da lide com esferas como as da ambiguidade, da contradição, do sentir, da cidadania e das múltiplas dimensões do humano, possibilitando uma especial atenção aos problemas e à sua resolução considerando os foros intelectual e emocional da existência. São categorias como as citadas que mobilizamos para a experimentação e a reformulação de leituras da(s) realidade(s).

Considerando as práticas artísticas como processos de problematização e os seus processos como investigativos, fazemos delas recurso pedagógico. Entrecruzando conhecimento artístico e intencionalidade educativa, as nossas práticas letivas operam pelo contacto com a obra de arte, a observação do processo artístico e/ou a leitura da imagem, considerando quer a dimensão experimental e discursiva, quer os fatores tecnológicos e aqueles inerentes à sua integração espacial e projeto expositivo. Numa abordagem introdutória às Artes Plásticas, como a que vimos desenvolvendo na UC de Artes Plásticas I, interessa-nos particularmente enquanto aprendizagens: i) a mobilização da linguagem elementar das artes visuais, quer para finalidade experimental quer de expressão/comunicação; ii) a captação da expressividade contida na linguagem das imagens para a construção e produção de narrativas visuais; iii) a integração das mais diversas técnicas de expressão e sua experimentação; iv) o desenvolvimento das possibilidades expressivas dos materiais e técnicas, adequando o seu

uso aos diferentes contextos e situações, v) mas também a recriação de conceitos, de temáticas, para a reformulação de leituras da realidade.
Neste sentido, têm sido nossos princípios no contexto em que trabalhamos: i) dinamizar experiências concebidas como exercícios em modo de projeto, capazes de disseminar e pôr em prática as possibilidades investigativas e expressivas das artes plásticas; ii) privilegiar a dimensão experimental e discursiva; iii) promover a comunicação com o outro e a intervenção na comunidade por via da mostra de trabalhos – projeto expositivo.

3. Educação artística, ensino experimental, interdisciplinaridade e princípios de descoberta

Potencialmente transdisciplinares os princípios metodológicos que assumimos, interdisciplinares têm-se consequentemente revelado os resultados dos projetos de desenvolvimento curricular que propomos e interdisciplinar se constitui também a equipa de docentes responsável pela UC (com formação de base nas áreas das artes plásticas, das ciências da arte, das ciências da educação e do design). De facto, da análise dos resultados obtidos, constatamos a mobilização de conhecimentos provenientes das ciências exatas e das humanidades; do âmbito da cultura material, como do imaterial; da ordem dos fatores a partir dos quais produzimos sentido; relacionados com fatores tecnológicos, de produção ou de fabrico; com fatores sociais e/ou ambientais.
Outro dos princípios que vimos assumindo é o da demonstração, junto dos nossos estudantes, da injustificabilidade de práticas instrumentalizadoras das linguagens e das expressões artísticas, como as que ainda verificamos em diversos contextos educativos. Destas decorrem, para além de ação reprodutiva ou replicativa do saber, um tolhimento do potencial criativo do individuo, considerado fator inato e atributo exclusivo de seres de excepção. Uma barreira que age sobre o estudante como bloqueio ao desenvolvimento criativo (seja ela do foro artístico, social, cultural ou científico), como um embargo à legitimidade própria de pensar o hipotético, de propor além da realidade conhecida.
Agindo sobre este acometimento do estudante à cópia, à reprodução de esquemas anteriormente memorizados – propomos os princípios da metodologia de projeto e o ensino experimental.
No que respeita ao design das à(s) experiência(s) de aprendizagem que propomos, regressados de uma vivência de ensino-aprendizagem em modelo remoto de emergência, constatámos (professores e estudantes) notória a importância de fisicamente estarmos no espaço oficinal de aprendizagem, fazendo recurso educativo do que ele comporta de

proximidade, de possibilidade de partilha, da sistemática discussão de ideias, de debate à volta das mais diversas opções conceptuais, técnicas ou estéticas. No que à prática docente diz respeito, constataram-se igualmente favorecidos, pela presença física e mútua no espaço oficinal, a observação e a sistemática discussão dos processos com os estudantes, o oportuno levantamento de questões de investigação, a não exclusão do erro ou do desvio ao plano inicialmente previsto pelo estudante.

À experiência de aprendizagem, a interação física em espaço oficinal, proporcionando ao corpo o movimento livre e a possibilidade de exploração (intelectual e sensível) dos materiais e dos elementos estruturais da linguagem plástica, proporcionou a ocasião em que como indivíduos e como grupo se tornou possível interagir num espaço pensado como lugar de práticas experimentais e do fomento de processos de descoberta que se desenvolvem na interação quer de si para consigo, quer para com o grupo, para com o meio, para com os materiais, as tecnologias ou as diversas área de conhecimento. Do relevo e da raridade de tais dinâmicas tomámos nós consciência, pela leitura de passagens como a que a seguir transcrevemos, do portefólio artístico-pedagógico de uma das nossas estudantes.

> "É talvez, das únicas Unidades Curriculares em que nos é permitido aprender com os outros, não apenas com a docente, mas com os colegas." (Silva, 2022).

Dinâmicas de ensino/aprendizagem que verificamos consonantes com aquelas que Eisner (2002) afirma constituírem o que de melhor a educação pode assimilar por via da prática artística, nomeadamente: a apreciação da divergência de respostas e de soluções; a consideração de que, na produção de sentido, a forma é tão significativa quanto o conteúdo; a importância concedida à linguagem e aos sentidos não literais; o relevo dado ao uso da imaginação, do espaço, do corpo e do sentir; a importância de ser flexível no decurso do trabalho; a possibilidade de ver ainda além do que nos é dado; a não redução da realidade a fórmulas ou algoritmos ou o princípio segundo o qual, a satisfação intrínseca é importante no processo de ensino-aprendizagem.

Assim, assumindo como princípio metodológico o estudo e a experimentação material de processos artísticos, desenvolveu-se projeto experimental, para o amadurecimento de competências criativas, esperando-se ação transformadora das consciências e das práticas.

4. Proposta de Trabalho: Lourdes Castro (1930-2022) - processos e práticas.

Foi no sentido que vimos descrevendo, que assumimos por referente para o projeto exploratório proposto aos nossos estudantes do primeiro semestre da UC de Artes Plásticas,

a obra e a prática oficinal de Lourdes Castro, como recurso investigativo e de descoberta, observando nela: i) processos de desenvolvimento de investigação por via da prática oficinal; ii) processos e recursos de descoberta; iii) processos para interrogar/ repensar da realidade.

Lourdes Castro nasce no Funchal em 1930, findo o liceu desenvolve trabalho com crianças em contexto de pré-escolar. Entre 1950 e 1956 frequenta a Escola de Belas Artes de Lisboa, mas não termina o curso por divergências políticas. Em 1957 parte, para Munique, instalando-se pouco depois em Paris. Nesta cidade, inicia com René Bertholo, a revista KWY, um periódico de artes plásticas e literatura de fabrico manual/caseiro do qual produziram-se em Paris 12 números, entre 1958 e 1963. Em torno da revista debatem, trabalham e experimentam livremente, assumindo uma pesquisa artística fora da dimensão cultural nacional, conforme enuncia a sigla KWY, constituída por letras não consideradas no abecedário nacional. A Lourdes e René juntar-se-ão a Costa Pinheiro, Gonçalo Duarte, José Escada, João Vieira, o búlgaro Christo e o alemão Jan Voss. Com este núcleo central colaboraram na KWY outros artistas plásticos e poetas seus contemporâneos (Acciaiuoli, 2001). KWY, um grupo do qual emergiriam alguns dos artistas mais marcantes da *nova-figuração* da pintura portuguesa, agentes responsáveis pela redefinição da figuração fora do mando do sistema tradicional de representação, operando experimentalmente, quer pela pluralidade, quer pela abertura das abordagens propostas (Rosa Dias, 2008). A partir de 1961 e ao longo da primeira metade dos anos 60, Lourdes Castro explora a criação de objetos construídos a partir da *assemblage* de bens de consumo, aglomerados em caixas e cobertos depois por uma camada de cor. O início de um processo investigativo que a conduzirá através de uma aturada pesquisa em torno da perceção, da experiência, da conceção e da compreensão da forma, ao longo da qual explorará questões relacionadas com os elementos estruturantes da linguagem plástica, os materiais, a luz e a sombra, as formas, os contornos e as silhuetas, os processos de desmaterialização e redefinição dos objetos. Da mesma forma e seguindo os mesmos princípios, estruturámos a proposta de projeto experimental/ investigativo que propusemos aos nossos estudantes, desafiando-os a interrogar o que assumimos como real por perspetivas múltiplas e hipotéticas.

Privilegiando enfim a dimensão experimental e discursiva, uma obra que fez sentido revisitar marcando o recomeço do ensino em modo presencial, pela multiplicidade de abordagens e processos dos quais Lourdes Castro se socorreu, processos estes que entendemos como investigação por via das práticas, como formas de produção de conhecimento – como modos para interrogar e consequentemente potenciar um repensar da realidade – um tributo à visão de sentido transformador que é o seu legado vivo.

5. Resultados

As atividades que aqui apresentamos foram pensadas no sentido de desenvolver nos estudantes variadas competências no âmbito da comunicação visual. Como declaração de princípios, dizer que, o recurso, como indutor, à obra de dado artista, tem como intenção o favorecimento de um contacto do estudante com referências às quais, atendendo ao percurso escolar precedente e conforme um diagnóstico anteriormente citado, não são de experiência comum ou habitual, pelo que se constituem como vivências novas e enriquecedoras, adentrando universos geralmente desconhecidos. Por outro lado, estas novas experiências, que concebemos com propositado critério, permitem-nos introduzir e interrogar temáticas interpretativas, percetivas e de leitura da imagem, às quais geralmente damos início através da abordagem aos elementos formais da linguagem plástica (ponto, linha, plano, volume, textura, escala, espaço, ritmo, luz, cor).

O conjunto de atividades integrantes do projeto proposto aos estudantes, estruturou-se em três momentos: i) um primeiro que dedicámos à prática exploratória/experimental à volta do elemento linha; ii) um segundo consagrado à prática exploratória/experimental em torno do estudo da luz e da sombra iii) e um terceiro votado à prática exploratória/experimental da cor, da perceção cromática, dos contrastes cromáticos e da textura nas suas múltiplas dimensões.

5.1. A Linha – Prática Exploratória Bi ou Tridimensional

A investigação de Lourdes Castro à volta da forma, do contorno, das silhuetas, dos processos de desmaterialização e redefinição dos objetos, e com este das escalas, dos espaços e dos ambientes, revelou-se-nos particularmente interessante e sugestivo, por tornar revelador o modo como pode uma entidade tão elementar quanto a linha favorecer, nas suas diversas morfologias e conformações dinâmicas, uma tão grande multiplicidade discursiva, de geração de sentido e de experiências.

Com base nos conteúdos e exemplos abordados em aula sobre a linha enquanto elemento estrutural da linguagem plástica e a obra de Lourdes Castro, os estudantes desenvolveram um conjunto de estudos exploratórios, com enfoque nas suas possibilidades expressivas e potencial gráfico, numa perspetiva figurativa ou não figurativa. Os estudos propostos foram desenvolvidos fazendo uso de um misto de suportes e materiais riscadores, atendendo à observação do efeito dos meios atuantes como influência nos resultados. Nos exemplos que apresentamos nas figuras 1 e 2 é notória a relação com os processos exploratórios evidenciados na obra da artista, no que respeita a modos de sobreposição, definição de planos, profundidade, transparências, movimento e ritmo. Por outro lado, interessou-nos

observar como é que os estudantes, através da experimentação realizada a partir dos exemplos sugeridos, refletiram e foram enveredando por caminhos próprios, compondo superfícies conformadas através de malhas ou tramas, criando expressão e emoção, retirando proveito de efeitos compositivos de carácter mais bi ou tridimensional dos materiais, como é possível observar-se na figura 3. Importa aqui realçar o modo reflexivo como os estudantes, a partir dos conteúdos lecionados e das experiências empreendidas, desenvolveram modos de atuação próprios propondo formas de representação divergentes e não fundamentadas na cópia.

Figuras 1, 2 e 3 – Atividade 1 - Exercícios sobre a linha – propostas dos estudantes. Fonte: Própria

5.2. A Luz e a Sombra, a relação Forma/Fundo – Prática Exploratória Bidimensional

A artista inicia a sua reflexão em torno do conceito de sombra no início dos anos 60 através de trabalhos de serigrafia. A partir deste momento, as sombras acompanham Lourdes Castro nas suas diversas tipologias de trabalho (pintura e no desenho, instalações dos lençóis bordados com sombras deitadas, *performances* de teatros de sombra, entre outros.), iniciando uma vasta investigação em torno deste conceito. Encontramos nos seus trabalhos sombras projetadas que representam objetos ou figuras humanas, sombras projetadas representadas apenas através da sua linha de contorno que a artista refere ser "o *menos* que eu posso ter de alguma coisa, de alguém, conservando as suas características" (1963, p.23) ou sombras momentâneas utilizadas no teatro. Independentemente da forma como a representava, para Lourdes Castro a representação da sombra tem como objetivo tornar presente aquilo que está ausente.

Continuando esta reflexão em torno das obras da artista, os estudantes observaram as possibilidades expressivas e de geração do sentido da Luz e da Sombra, enquanto elementos estruturais da linguagem plástica, na sua relação entre forma e fundo, entre espaço bi e tridimensional e a obra e processos criativos da artista. De seguida, foi proposto que

desenvolvessem um conjunto de estudos exploratórios, partindo de processos e registos fotográficos, que envolvessem uma encenação de resultados. A utilização da fotografia enquanto prática de registo diário é uma atividade cada vez mais comum na realidade dos jovens estudantes, porém longe de o ser enquanto prática artística bidimensional, processo de observação, de registo ou de composição visual.

Considerando as possibilidades decorrentes do ensaio de projeção de luz/ sombra; obtenção de silhuetas (corpo humano e/ou objetos); contorno da sombra projetada; efeitos compositivos; características (visuais, tácteis, sonoras) de materiais recuperados; alternância forma/fundo; sobreposição, criação de planos, profundidade, transparências, interessou-nos tornar consciente e relevante este processo em si mesmo como para a produção plástica subsequente (Figuras 4 e 5).

Figuras 4 e 5 – Atividade 2 - Exercícios sobre a Luz e a Sombra – propostas dos estudantes.

Fonte: Própria

5.3. A Cor e a Textura – Prática Exploratória Pictórica

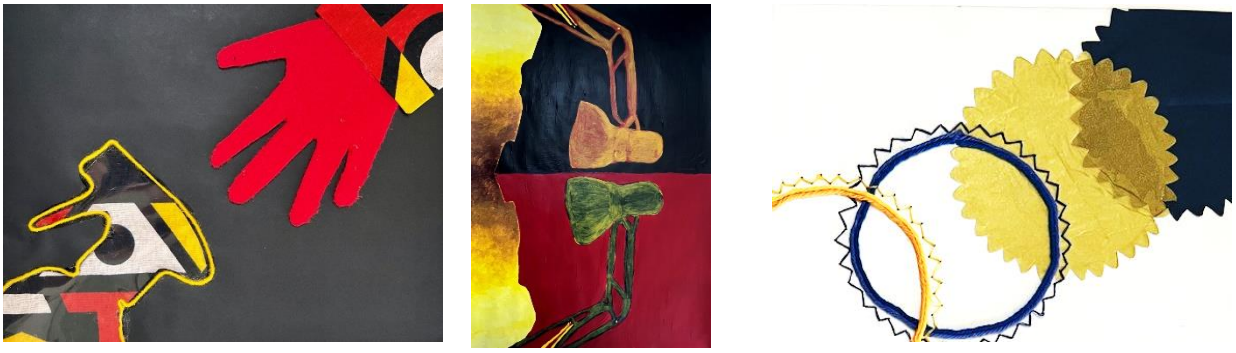
De acordo com Mahlow (1971 p. 13), uma das inspirações de Lourdes Castro foram as obras de Matisse intituladas “Música” (1910) e “Dança” (1910), que representam maravilhosos exemplos de sombras vermelhas, destacando-se a despreocupação do artista no que diz respeito ao realismo das formas e das cores. Quando nos debruçamos sobre algumas obras de Lourdes Castro, encontramos a utilização de diferentes materiais que proporcionam complexos jogos de luz-sombra, através da sobreposição de várias cores que não têm uma correspondência imediata com a realidade.

Partindo de alguns exemplos da obra da artista e dos conteúdos Cor e a Textura enquanto elementos estruturais da linguagem plástica a par da obra de Lourdes Castro, foi agora proposto desenvolverem um conjunto de pinturas exploratórias, atendendo à: cor; técnicas

materialidade/plasticidade; texturas; efeitos cromáticos (mistura, saturação, valores lumínicos e contrastes cromáticos); composição da imagem (figuras 6 e 7).

Lourdes Castro dizia que, além da sombra das silhuetas, o menos que podia ter era o contorno de algo que se ausentou, circunscrito a uma linha. Desta forma também os estudantes foram convidados a experimentar dessa experiência feita pela linha bordada sobre tecido, à semelhança da técnica usada pela artista nas suas sombras sobre lençol (figura 8), desenhando outras formas de linha atendendo à matéria e à textura dos materiais.

Figuras 6, 7 e 8 – Atividade 3 - Exercícios sobre a Cor e a Textura – propostas dos estudantes.



Fonte: Própria

6. A escola em desmaterialização: notas finais

Observando a prática oficinal desenvolvida por Lourdes Castro e a investigação própria em torno dos processos de desmaterialização e redefinição dos objetos e das realidades envolventes, lançámos um desafio semelhante aos estudantes, na expectativa de promover ação crítica, perspetivas e olhares diferentes e hipotéticos sobre a(s) realidade(s).

Sobre os princípios, os processos e as práticas em educação artística, desenvolvidos com estes estudantes, dizer finalmente que: i) no que respeita o nosso primeiro objetivo, proporcionar oportunidade para a experimentação de processos criativos e artísticos como recursos investigativos, serviu a obra de Lourdes Castro os nossos propósitos pela variedade de abordagens e práticas artísticas desenvolvidas, com o intuito de fazer compreender os processos criativos e artísticos como investigativos; ii) assumindo como princípio metodológico o estudo e a experimentação material de processos artísticos, os estudantes desenvolveram um projeto experimental para o amadurecimento de competências criativas, esperando-se uma ação transformadora das consciências e das práticas.

Considerada a prática artística um modo de problematização e os seus processos como investigativos, defendemo-la, por princípio, estruturante para o desenvolvimento de qualquer forma de pensamento e, por conseguinte, parte fundamental da formação do futuro agente educativo. Trata-se, pois, da operacionalização, como processos pedagógicos, e da consciencialização, junto dos futuros agentes educativos, da potencialidade da mobilização dos processos criativos como recursos investigativos e de descoberta. Apraz-nos neste âmbito verificar como, da leitura de algumas das reflexões escritas pelos estudantes nos seus portfolios artísticos-pedagógicos, extraímos nota do potencial transformador das consciências e das práticas, perpetrado pelas dinâmicas empreendidas na UC de Artes Plásticas pela qual somos responsáveis

> "Esta unidade curricular fornece-nos uma outra perspetiva do mundo que nos rodeia e a forma como olhamos e pensamos sobre ele." (Rosa, 2021).

Para além do já referido, acreditamos ainda que os processos investigativos e criativos vivenciados por via deste conjunto de experiências, possam futuramente ser mobilizados pelos estudantes como meios, através dos quais possam eles estudar, investigar e desenvolver formas de atuação capazes de estabelecer inter-relações com outras áreas do saber.

Referências Bibliográficas

Acciaiuoli, M. (Coord. cient.) (2001). KWY, Paris 1958-1968. Lisboa: CCB: Assírio e Alvim.

Castro, L. (1963) *In* "Além da Sombra", 1992. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Damasio, A. (2006, mar, 24). Art and the New Biology of the Mind. In *Columbia Forum on Art and the New Biology of Mind.* [online]. N.Y: Columbia University. Disponível em https://youtu.be/B1hx0qwsFvE

Eisner, W.E. (2002). *The Arts and the Creation of Mind.* New Haven & London: Yale University Press.

Eisner, E. W. (1997). The Promise and Perils of Alternative Forms of Data Representation. *Educational Researcher*, *26* (6), 4–10. https://doi.org/10.2307/1176961

Leavy, Patricia (Ed.) (2018). *Handbook of Arts-Based Research.* NY & London: Guildford.

Mahlow, D. (1971). Lourdes Castro ou le Choc de la Fascination, *In* Colóquio Artes Revista de Artes Visuais, Música e Bailado. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian

Rosa, A. (2021). Reflexão individual final. In *Portfólio Artístico Pedagógico*. [documento digital]. Lisboa: s.n. Escola Superior de Educação de Lisboa.

Dias, F. P. R. (2008). *A nova-figuração nas artes plásticas em Portugal : 1958-1975.* [documento digital]. Lisboa: s.n. Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa.

Silva, C. (2022). Reflexão individual final. In *Portfólio Artístico Pedagógico*. [documento digital]. Lisboa: s.n. Escola Superior de Educação de Lisboa.